

Marcus Vinícius Coelho

ASSOCIAÇÃO QUERUBINS:
percursos metodológicos para ensino de dança em projetos sociais

Belo Horizonte

2022

Marcus Vinícius Coelho

ASSOCIAÇÃO QUERUBINS:
percursos metodológicos para ensino de dança em projetos sociais

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Escola de Belas Artes da Universidade Federal
de Minas Gerais como requisito parcial para
obtenção de título de Licenciado em Dança

Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Córdova Christófaro

Belo Horizonte

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM DANÇA

FOLHA DE APROVAÇÃO

ASSOCIAÇÃO QUERUBINS: percursos metodológicos para ensino de dança em projetos sociais

MARCUS VINÍCIUS COELHO

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado de Dança, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Dança.

Aprovado em 21 de dezembro de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Profa. Dra. Gabriela Córdova Christófaru – Orientadora

Prof. Dr. Paulo José Pereira Baeta – Membro Titular

Belo Horizonte, 21 de dezembro de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Jose Baeta Pereira, Professor do Magistério Superior**, em 26/12/2022, às 15:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gabriela Cordova Christofaro, Professora do Magistério Superior**, em 27/12/2022, às 19:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1990798** e o código CRC **B8FE0113**.

À minha primeira e mais saudosa professora:
minha Mãe, que me formou como ser humano,
humano e sensível. Que me ensinou e continua
me ensinando tudo sobre a vida.

AGRADECIMENTOS

À Deus, criador, energia da vida, que me concebeu artista desde a infância, me impeliu ao caminho da dança e me iluminou às escolhas assertivas durante meu trajeto;

À minha mãe, minha estrela, meu anjo da guarda, a maior incentivadora da minha arte. Sou grato por cada ensinamento, e me lembro de todas as vezes em que me viu dançar. A sua presença continua comigo, e tudo que envolva a minha arte, eu faço por você. Mesmo quando as luzes do teatro se apagam, a sua luz continua a brilhar dentro de mim;

Às minhas alunas e alunos queridas e queridos, que me transformam, todos os dias em um ser humano melhor. Sozinho, eu nunca seria professor, nem serei. Vocês me inspiram;

À minha irmã, por ser energia curadora e ser a manifestação plena do cuidado de Deus em minha vida e minha dança;

À Ballance Academia de Dança, minha escola, meu refúgio, meu lugar de paz;

Aos professores e mestres da minha trajetória no curso de Licenciatura em Dança da UFMG, Gabriela Christófaró, Arnaldo Alvarenga, Ana Cristina, Raquel Pires, Paulo Baeta e Juliana Azoubel, pelo compartilhamento da arte e do conhecimento, e por me transformarem um ser que dança, mas, antes, pensa e ensina a pensar;

Às amigas e colegas de curso, por compartilharem as experiências, estudos, dissabores, alegrias, lágrimas, dança e vida;

A mim mesmo, pela perseverança, pela força e pela nobreza de olhar para mim e para meu processo com cuidado e paciência;

À Dança, por me tornar quem sou, pelos encontros, pelas escolhas e pela trajetória marcada por experiências que levarei até o fim. Mesmo se o meu corpo parar de responder, eu continuarei dançando com o coração.

“Aprender a refletir, a expandir nossa visão de modo que possamos enxergar o contexto por inteiro é o princípio básico da sabedoria prática”
(bell hooks, 2020 p. 17)

RESUMO

Este trabalho é uma pesquisa que aborda, por meio de reflexões analíticas, o processo de ensino de Dança na Associação Querubins, instituição de iniciativa social que atua na formação artística de crianças e jovens. O estudo legitima a presença da Arte em espaços com demandas socioculturais emergentes e aponta, em análise do exercício docente do autor, possíveis estratégias para o desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem em dança de forma inclusiva, por meio de uma experiência educativa que resguarda a arte concebida pelo aluno como potente material artístico para a construção cênica. Através de análise reflexiva das estratégias metodológicas aplicadas em seu fazer docente, o autor explana o processo de ensino e aprendizagem abrindo espaço para novos desdobramentos da proposta.

Palavras-chave: Projetos Sociais, Arte, Educação, Dança

ABSTRACT

This work is a research that approaches, through analytical reflections, the process of teaching Dance at Associação Querubins, an institution of social initiative that works in the artistic formation of children and young people. The study legitimizes the presence of Art in spaces with emerging sociocultural demands and points out, in analysis of the author's teaching practice, possible strategies for the development of a teaching and learning process in dance in an inclusive way, through an educational experience that safeguards the art conceived by the student as a potent artistic material for the scenic construction. Through a reflective analysis of the methodological strategies applied in his teaching work, the author explains the teaching and learning process, opening space for new developments of the proposal.

Key-words: Social Projects, Art, Education, Dance

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 INICIATIVAS SOCIAIS E SEUS REFLEXOS	11
3 A LEGITIMAÇÃO DO CORPO COMO MATÉRIA INTEGRAL EM PROCESSOS EDUCATIVOS	18
4 PERCURSOS METODOLÓGICOS ENTRE A SOCIEDADE, A SALA DE AULA E A CENA	23
4.1 Estratégias metodológicas para construção do exercício docente	25
4.2 Concepção cênica do espetáculo “A Cor”	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um estudo monográfico que aborda as experiências do autor no exercício docente como arte educador em uma instituição de iniciativa social da cidade de Belo Horizonte/MG, que trabalha na assistência de crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade social e privação de direitos básicos à sobrevivência. Durante a experiência enquanto bailarino, professor e coreógrafo, o autor perpassou por distintos espaços que concebem a dança de diferentes maneiras e apresentam distintas perspectivas ou formatos de trabalho. Em sua trajetória docente, permeada principalmente pelo balé clássico, atuou na formação artística de incontáveis crianças, jovens e adultos, fundamentando-se em uma abordagem humanizadora e horizontalizada da dança. Nesse sentido, o autor sempre vislumbrou a arte da dança como um instrumento para transformação social e ressignificação de ideais, perspectivas, realidades e sensações. Assim, atuar em projetos sociais sempre lhe despertou interesse – tendo em vista o contexto manifesto dos indivíduos assistidos por estas iniciativas.

Habitualmente, espaços de iniciativas sociais trabalham diretamente com uma das grandes fragilidades da sociedade: a marginalização e exclusão dos cidadãos que mais demandam cuidados e assistência em razão do contexto peculiar; e a arte pode representar um pertinente recurso para subversão devido às suas competências de lidar com o sensível, o humano, o imagético e com a percepção de si e do entorno. Entretanto, a acessibilidade da arte não acontece pura e simplesmente por meio das produções artísticas, mas por mediação das ações culturais (e sociais).

Nesta perspectiva, o objeto de pesquisa aqui apresentado lida diretamente com a acessibilização da arte a indivíduos que são privados de vivências artísticas significativas e do subsídio cultural: a Associação Querubins – entidade sem fins lucrativos destinada a atender a crianças e adolescentes na incumbência de desenvolver habilidades físicas, cognitivas, artísticas e difundir a arte, a cultura, o esporte e a educação. O autor deste estudo atua como professor de dança na instituição e fundamentou o trabalho monográfico a partir de sua prática artística e docente junto à associação.

O objetivo da monografia a ser destrinchada é analisar criticamente parte do percurso metodológico de processos de criação a partir da abordagem do autor no âmbito do ensino de

dança desenvolvido na instituição no período recortado para esta análise, contextualizando o histórico da associação e o perfil das alunas e alunos matriculadas e matriculados

O presente estudo é considerado como pesquisa qualitativa devido à análise subjetiva do autor a respeito de seu exercício educador. Além disso, apresenta caráter exploratório, com análise crítica sobre o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido no Querubins a partir dos aspectos identificados durante os estudos analíticos.

No decorrer do processo de elaboração foi considerado que, para análise do trabalho artístico e educativo, bem como as ações sociais por meio da arte, além de dominar a prática de dança e compreender os processos pedagógicos da instituição, é necessário buscar conhecer o contexto no qual o objeto de estudo está inserido e os desdobramentos socioculturais envolvidos. Sendo assim, o estudo apresentado debruça-se sobre os referenciais teóricos que subsidiam a prática e também o contexto sociocultural da Associação Querubins e os estudantes matriculados na instituição.

2 INICIATIVAS SOCIAIS E SEUS REFLEXOS

Historicamente, compreende-se que a sociedade brasileira é balizada pela heterogeneidade de classes. Distintos grupos sociais coexistem em nosso país compartilhando o mesmo sistema econômico e regimento histórico, entretanto, sabe-se que tais atribuições desencadeiam as desigualdades e problemáticas sociais que caracterizam a hegemônica hierarquização de classes e a escassez de acessibilidade aos direitos básicos para determinados grupos sociais. Nesse sentido, os sujeitos que vivem à margem do modelo de desenvolvimento que impera no país têm o acesso privado nas instâncias educacionais, econômicas, sociais e culturais. Assim, reconhece-se a necessidade de iniciativas de cunho social para agregar e acessibilizar novas vivências e perspectivas aos indivíduos de baixa renda, que vivem em contextos de vulnerabilidade nas periferias e são marginalizados pela sociedade.

Abordar a desigualdade sociocultural imperante no país nos faz lançar o olhar para as peculiaridades dos cidadãos que vivem nas comunidades periféricas, chamando a atenção para o percurso histórico do sistema socioeconômico que impera em nossa sociedade, e a hierarquia da relação sistêmica estrutural entre o oprimido e o opressor.

A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas das classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação e oficial, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada. (MARX, 1997, p.19).

Estruturalmente, a sociedade é fundamentada pela categorização de classes, onde a classe dominante detém o capital cultural em detrimento da classe dominada, legitimando a estrutural desigualdade que impera no país e acomete as comunidades, periferias e subúrbios, como aponta Cunha (2007):

A desigual distribuição deste recurso raro (capital cultural) estimula ainda mais o conflito pela posse desse bem, o que denuncia o constante jogo de dominação de um grupo sobre o outro para manter estrategicamente a estrutura simbólica reconhecida e legitimamente aceita por todos (CUNHA, M. A., 2007, p. 92)

Assim, a legitimação da cultura é historicamente atribuída à ideia de posses, de modo que os cidadãos menos providos em bens são subalternizados culturalmente. As questões apontadas por Marx (1997) e Cunha (2007) contribuem para contextualizar a temática dessa pesquisa, relativa às iniciativas sociais destinadas a promover a integração sociocultural dos excluídos e

demandatários de bens elementares à sobrevivência: as comunidades periféricas, que são marginalizadas e apresentam necessidades básicas primárias que não são supridas pelo sistema em que estão imersas. Por isto, há grande relevância e urgência em propostas de inclusão que confirmem a estes sujeitos os direitos humanos de bem comum e a possibilidade de cidadania e integração sociocultural.

Nesse sentido, ações desenvolvidas pelo Terceiro Setor legitimam os direitos básicos e conferem às comunidades a possibilidade de inclusão dos cidadãos às iniciativas de cunho sociocultural. Segundo o documento da BNDES 2001, o Terceiro Setor

[...] constitui-se na esfera de atuação pública não-estatal, formado a partir de iniciativas privadas, voluntárias, sem fins lucrativos, no sentido do bem comum. Nesta definição, agregam-se, estatística e conceitualmente, um conjunto altamente diversificado de instituições, no qual incluem-se organizações não governamentais, fundações e institutos empresariais, associações comunitárias, entidades assistenciais e filantrópicas, assim como várias outras instituições sem fins lucrativos (BNDES, 2001, p. 4)

Basicamente, o Terceiro Setor se constituiu a partir dos anos 1990 e é representado por instituições de nomenclatura diversa e caráter estritamente social, sendo caracterizado por não serem diretamente governamentais, ou seja, as suas ações – iniciativas, recursos, processos, prestações de contas etc – não possuem, necessariamente, vínculo direto com o Estado, o que não significa que não podem ser assistidos pelo governo de alguma forma. Não obstante, existem outros dois setores que vigoram simultaneamente: “o primeiro setor, aquele no qual a origem e a destinação dos recursos são públicas, corresponde às ações do Estado e o segundo setor, correspondente ao capital privado”, *sendo a aplicação dos recursos revertida em benefício próprio*. (BNDES, 2001, p. 4, grifo do autor)

As ONGs brasileiras compõem o Terceiro Setor e, na perspectiva de Gohn (2004), se fundamentaram independentemente das ações vinculadas ao Estado, principalmente, como forma de diferenciar-se das imposições governamentais e, ainda, de reivindicar direitos civis negados pelo mesmo. Com a redemocratização, as organizações passaram a agir em parceria com o Estado na perspectiva da promoção de serviços. Segundo a autora, “no novo cenário, a sociedade civil se amplia para entrelaçar-se com a sociedade política, colaborando para o novo caráter contraditório e fragmentado que o Estado passa a ter nos anos 1990.” (GOHN, 2004, p.13).

Configura-se, portanto, como Terceiro Setor as ações e organizações sem fins lucrativos que não são governamentais: instituições que destinam-se a abarcar as demandas direcionadas aos sujeitos em contexto de exclusão da sociedade e que o Estado se isenta da obrigatoriedade de cumprir. Segundo Buratto (2019, p. 61), “o termo Terceiro Setor faz, portanto, referência a todas as ações, carrega em si uma diversidade de propostas” e abrange atividades que não são, idealmente, contempladas pelos outros dois setores que vigoram em nosso sistema.

No que tange à temática elucidada nesta pesquisa e contextualizando ao cenário sociocultural e econômico da cidade de Belo Horizonte/Minas Gerais e região metropolitana (RMBH), encontramos distintas iniciativas sociais identificadas e reconhecidas como pertencentes ao Terceiro Setor que desenvolvem ações pela cidade e adjacências, viabilizando a consolidação de políticas públicas nas quais o cidadão esteja no centro das ações – sobretudo, os menos atendidos pelos processos e programas culturais existentes – oportunizando a inclusão de crianças e jovens residentes em zonas periféricas junto às atividades de arte e educação vinculadas a Projetos Sociais.

Nesta perspectiva, o objeto de pesquisa deste estudo monográfico é a Associação Querubins, entidade sem fins lucrativos na qual o autor deste trabalho atua como arte educador e desenvolve atividades docentes direcionadas ao ensino de dança desde o ano de 2017, contemplando as crianças e jovens matriculadas e matriculados na instituição. Estabelecida na cidade de Belo Horizonte, desde 1994, a Associação Querubins é atuante, desde sua origem, no resgate, inclusão e desenvolvimento de cidadãos através da arte, do esporte e da educação. Situada ao pé da Serra do Curral, em espaço de 10.000 m², cedido em 1999 pela Família Pentagna Guimarães, na Rua Correias, número 700, bairro Sion, em Belo Horizonte/MG, a Associação conta com salas de aula, salas de dança, salas de música, sala multimeios, ginásio poliesportivo, cozinha-escola, laboratório de informática, biblioteca, horta orgânica e um estúdio de ensaios e gravação, que permitem a formação cultural, esportiva e educacional por meio das oficinas de Esportes (Futsal e Jiu-Jitsu), Dança (Balé Clássico, *Jazz*, Danças Urbanas e Dança Afro), Artes Visuais, Teatro, Percussão, Música/Musicalização, Informática, Apoio Escolar/Pedagógico, Fotografia, Inglês; assim como apresenta em seu histórico curricular as oficinas de Circo, Artes Plásticas, Construção de Instrumentos, Vídeo e Cinema, Cultivo de Horta Orgânica, Jardinagem, Curso de Culinária para crianças e Capacitação para jovens e adultos.

O Projeto foi idealizado por Magda Coutinho, responsável executiva pela instituição que, numa proposta de revitalizar uma área degradada, elencou jovens residentes da zona periférica dos arredores do bairro Sion para uma ação regenerativa, sem pressupor que estava instaurando uma iniciativa que transformaria inúmeras realidades sociais. Durante 28 anos, a Associação tem a missão de acolher crianças e jovens, ao passo que desenvolve valores morais e éticos com foco na dignidade humana, objetivando “promover a inclusão social e o crescimento emocional por meio da Educação, tendo o educando como protagonista e ser referência no preparo dos assistidos para o mercado de trabalho.” (PPP, 2022, p. 1).

Tendo em vista as premissas concernentes às ações do Terceiro Setor, a referida instituição, que não possui fins lucrativos, atua com reconhecimento e apoio da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e efetiva suas atividades mediante investimento de grandes empresas no financiamento das atividades desenvolvidas pela instituição, seguindo os protocolos que autenticam e corroboram a continuidade de seu processo assistencial, a saber: inclusão em leis municipais, estaduais e nacionais de incentivo à cultura, busca de redes de apoio e financiamento, ações para arrecadação de verbas, contratação de professores, prestações de contas etc. Reconhecida por desempenhar um trabalho genuinamente solidário e eficaz, a entidade recebe, ao longo dos anos de trabalho assistencial, distintos e relevantes prêmios com grande visibilidade, institui parcerias com grandes nomes da música nacional, como Samuel Rosa, da banda Skank, além de bandas como Pato Fu, Jota Quest, Tianastácia, Lagum, recebe donativos de empresários exponenciais do país, apresenta grandes produções de espetáculos, shows e mostras culturais, legitimando a essencialidade de suas ações e iniciativas.

A instituição estabelece, ainda, parcerias com escolas particulares da região, na perspectiva de promover a inclusão das crianças e jovens assistidos numa conjuntura educacional de qualidade no ensino; e apresenta um processo de admissão similar à escola regular: os beneficiários se matriculam mediante análise documental comprobatória das condições preestabelecidas pela instituição e de acordo com a disponibilidade de vagas, são assistidos por um corpo docente distribuído por núcleos – artístico, pedagógico, esportivo – o ano letivo é subdividido por dois semestres, que são norteados por conteúdos variados e gradativos de acordo com os procedimentos educacionais da entidade. O quadro de professores é composto, obrigatoriamente, por profissionais com formação superior.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição determina um percurso de formação humana em que o cidadão esteja no centro das ações formativas, com práticas pedagógicas ligadas a “aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver; e aprender a ser.” (PPP 2022, p.1). No PPP (2022, p. 9), temos ainda que:

A Associação Querubins possui uma proposta pedagógica que visa contribuir, enquanto uma das instituições que fazem parte da vida do indivíduo, com a formação integral do educando, sendo trabalhadas questões escolares, comportamentais e emocionais. Dessa maneira, as ações formativas do Querubins almejam estimular nos educandos as noções de autonomia, autoconhecimento, autoestima e pensamento crítico.

Deste modo, a Associação Querubins oportuniza aos estudantes, experiências que os mesmos são privados de vivenciar no dia a dia, devido a cultura e a realidade social que lhes são facultadas e nas quais estão imersos. Segundo Almeida (2007, p. 45-46), “Bourdieu conceitua a cultura – ou os ‘sistemas simbólicos’ como mito, língua, arte, ciência – como instrumento de construção do mundo, dando inteligibilidade aos objetos”. Assim, é possível identificar que a instituição potencializa os sistemas simbólicos dos indivíduos sob sua assistência, concedendo o acesso a distintas vias de conhecimento, saberes e experiências.

Neste contexto, a Dança se estabelece como um importante viés de vivências artístico-culturais da Associação Querubins, considerando o percurso histórico da instituição e as projeções e perspectivas da idealizadora da entidade, Magda Coutinho. Atualmente, a Dança é uma linguagem das artes que dialoga com a comunidade, com a proposta cultural defendida pela instituição e com as demais oficinas ofertadas pela mesma, fundamentando-se como um segmento essencial para a consolidação dos processos artísticos da Associação, haja vista ser ela uma linguagem imbuída de significados, representatividade e possibilidades. Decerto, a dança abarca uma infinidade de relações, discursos, atravessamentos e diálogos. Nota-se que cabe a ela, atemporalmente, a emergencialidade de assuntos e abordagens preponderantes para a formação dos sujeitos e suas visões de mundo. Neste sentido, o projeto Querubins vislumbra a dança como importante ferramenta de transformação de realidades e perspectivas.

Considerando a legitimação e o espaço conferidos à dança na instituição aqui estudada, é possível ponderar sobre o quanto a prática artística é determinante para a representatividade da Associação. O autor deste estudo, que atua no ensino de Dança há cinco anos na entidade, atualmente leciona aulas de Balé Clássico e Jazz abordando a corporeidade dos estudantes como

material básico para a construção de suas aulas, que são destinadas à maior parte dos beneficiários. Oriundos da Vila Acaba Mundo e Morro do Papagaio – aglomerados circundados por bairros nobres de Belo Horizonte/MG – as alunas e alunos admitidos na Associação Querubins precisam estar matriculados e presentes em escolas de ensino regular para poderem desenvolver as oficinas oferecidas pelo espaço, tendo em vista que a instituição se configura como um complemento das atividades educacionais regulares. As escolas de referência dos estudantes matriculados na instituição estão localizadas nas adjacências da região na qual a Associação se situa e os ingressos devem estar inseridos no grupo etário entre seis e dezesseis anos de idade e residir em comunidades periféricas ou proximidades. Para o cumprimento do percurso curricular da Associação Querubins, as turmas são niveladas com base no ano escolar em que se encontram os beneficiários. A instituição, no entanto, pode realocar estudantes caso sejam identificadas distorções entre as habilidades desenvolvidas e a série em que estão matriculados.

Ao se inscreverem, as alunas e alunos são distribuídos em turmas pela classificação etária, de modo que todos consigam ter acesso ao maior número de atividades artísticas possíveis.

O currículo, enquanto instrumento de cidadania, deve contemplar conteúdos e estratégias de aprendizagem que capacitem o ser humano para a realização de atividades nos três domínios humanos: a vida em sociedade, a atividade produtiva e a experiência subjetiva. A metodologia utilizada para os atendimentos é a de oficinas de duração variada, nas quais as crianças transitam por todos os núcleos (educação, esporte, atenção social e cultura). Desta forma, o projeto vislumbra uma formação pedagógica integral e continuada (PPP, 2022, p. 10).

Referindo-se ao ensino prático das oficinas de dança ministradas pelo autor da pesquisa, as aulas são destinadas aos estudantes com idade entre seis e dezesseis anos de idade, abordando as especificidades práticas de acordo com o desenvolvimento físico e cognitivo de cada grupo assistido. Atualmente, as aulas de Balé Clássico são direcionadas às crianças inseridas no grupo etário de seis a nove anos de idade, meninas e meninos, trabalhando a corporeidade natural dos estudantes atrelada à técnica inicial do bailado clássico, sem desconsiderar o contexto cultural no qual as crianças se inserem. As turmas inseridas no grupo etário de dez a doze anos de idade praticam aulas de Iniciação ao Jazz, com elementos básicos da corporeidade em dança estudados pelo professor, a fim de resguardar a concepção de corpo comum aos estudantes: uma construção corporal e de movimento que os alunos trazem a partir das vivências anteriores ao estudo de dança na instituição. Por fim, alunas e alunos pertencentes ao grupo de treze a dezesseis anos praticam aulas regulares de Jazz fundamentando-se nos elementos técnicos

básicos necessários para a linguagem de dança praticada, e pautando-se, paralelamente, ao contexto sociocultural no qual as alunas e alunos estão inseridos.

Apesar da prática regular de dança ser uma atividade prevista em percurso curricular e comum à grande maioria dos beneficiários ingressos na instituição, convém salientar que as oficinas não são balizadas por um conteúdo puramente técnico e engessado, tendo em vista que a proposta pedagógica não apresenta caráter profissionalizante. Deste modo, as aulas são fundamentadas num processo formativo, a fim de que os estudantes experimentem a dança como linguagem artística fomentadora de experiências e conhecimentos diversos de si, do outro e do entorno. Em lugar do direcionamento profissional em dança, considera-se mais relevante trabalhar o corpo na prática, bem como as possibilidades e as experiências diversas que podem ser conferidas a ele.

Tratando-se de projetos sociais, a corporeidade dos praticantes de dança é uma ponderação pertinente, pois o contexto social influencia demasiadamente na concepção de corpo, dança, arte e cultura. GOHN, em seu estudo sobre a participação das comunidades em políticas sociais, aponta que

É no plano local, especialmente num dado território, que se concentram as energias e forças sociais da comunidade, constituindo o poder local daquela região; no local onde ocorrem as experiências, ele é a fonte do verdadeiro capital social, aquele que nasce e se alimenta da solidariedade como valor humano. O local gera capital social quando gera autoconfiança nos indivíduos de uma localidade, para que superem suas dificuldades. Gera, junto com a solidariedade, coesão social, forças emancipatórias, fontes para mudanças e transformação social (GOHN, M. G. 2004, p. 39).

Deste modo, a representatividade de entidades sociais situadas em localidades periféricas aponta a perspectiva de que os indivíduos pertencentes aos projetos sociais locais – como a Associação Querubins – podem se reconhecer como sujeitos contribuintes à construção do cenário cultural local e apropriar-se com mais veemência das propostas socioculturais veiculadas às comunidades. A corporeidade é um atributo inerente a todos os cidadãos, e é necessário ponderar sobre o quanto a contextualização sociocultural reflete na construção que os indivíduos fazem de corpo e movimento. Nesse sentido, as iniciativas sociais formativas em comunidades periféricas que apresentam a dança como possibilidade, tornam-se fundamentais para a aprendizagem, ressignificação e descentralização do conhecimento artístico-cultural, bem como para a valorização da cultura corporal local das comunidades.

3 A LEGITIMAÇÃO DO CORPO COMO MATÉRIA INTEGRAL EM PROCESSOS EDUCATIVOS DE DANÇA

O ensino de Dança em suas múltiplas abordagens, técnicas, direcionamentos e objetivos precisa ser norteado por fundamentos que amparem as perspectivas metodológicas, na intenção de construir um processo inteligível e eficaz para a experiência de quem aprende e ensina. Distintas são as abordagens e objetivos processuais de quem se propõe a trabalhar no campo da Dança na contemporaneidade. Desse modo, faz-se necessário basear-se em ideias que dialoguem com o contexto em que o ensino e aprendizagem estão sendo difundidos. O processo artístico e educacional de dança apresentado nessa pesquisa teve como objeto de estudo uma instituição social que trabalha na assistência de um grupo específico de cidadãos. Nesse sentido, foi proposto um diálogo com pensadores que fundamentam a dança, suas metodologias de direcionamento e a aplicação dos procedimentos metodológicos para viabilizar uma genuína construção do saber dos indivíduos assistidos.

O contexto sociocultural, a localização geográfica, a acessibilidade artística e a categorização hierárquica social são aspectos que precisam ser considerados ao se propor um ensino de dança, haja vista que a experiência corporal é uma vivência individual e que cada grupo social traz referências artísticas, de corpo e de movimento. Tratando-se de educação, é preciso legitimar como pertinente o conteúdo cultural e artístico trazido pelos cidadãos, sem atribuir juízo de valor. A respeito disso, a autora Isabel Marques (2005, p. 2) aponta:

Refutar a arte fruída, produzida e conhecida dos alunos como arte de baixa qualidade, ou desclassificá-la por ser “produção de massa” significa cortar um importante vínculo que o professor de Arte poderia ter com seus alunos: a própria arte. Antes de ignorar ou julgar a arte à qual os alunos estão expostos em sociedade, o professor de Arte pode aproveitá-la como ponto de partida, ponto de trabalho, ponto de chegada e ponto de articulação e transformação a partir do qual pode apoiar o conhecimento a ser trabalhado na escola.

Sendo assim, vale ressaltar que o processo de ensino e aprendizagem precisa validar a arte/dança do aluno, a fim de horizontalizar o acesso ao conteúdo cultural, estabelecer uma relação dialógica entre a escola e a comunidade e possibilitar a construção de vias de conhecimento que sejam inteligíveis aos estudantes. Os cidadãos, em geral, vivenciam experiências artísticas e culturais que são fundamentadas em sua estrutura social e no lugar que ocupam na sociedade. A Arte, assim, pode ser compreendida como princípio norteador de

legítimas construções sociais, haja vista ser ela uma potente alternativa para discussões sobre assuntos preponderantes e emergentes em diferentes contextos e realidades.

Nesse sentido, o ensino de Arte, em seus distintos segmentos, pode ser reconhecido como elemento integralizador em uma relação horizontalizada entre os agentes sociais, a educação e a cultura, onde a *dialogicidade*, termo discutido por Paulo Freire (1974) possibilita construir um ensino em que a arte consumida e difundida socialmente pelos cidadãos é tão legítima quanto aquela que é ensinada e aprendida no âmbito educacional.

O professor é antes de tudo um interlocutor e um propositor. Seu conhecimento da linguagem, da história, sua prática artística, seu hábito de frequentar arte fazem com que o professor seja o melhor interlocutor e propositor disponível para o aluno. A posição de interlocutor permite perguntar, indagar, olhar sob vários pontos de vista... a posição de propositor permite estabelecer relações entre o repertório de obras e conceitos do aluno e o repertório de obras e conceitos disponíveis na História da Arte e na sociedade contemporânea. É papel do professor articular esses dois repertórios por meio da linguagem da arte. (MARQUES, Isabel, 2006, p. 139)

Neste recorte, o arte-educador imerso em projetos sociais precisa ponderar sobre os referenciais metodológicos que amparam o seu fazer docente, considerando a realidade sociocultural em que está inserido, bem como a proposta pedagógica da instituição na qual exerce seu trabalho com a arte.

O autor deste estudo monográfico, enquanto artista, atou em grupos e Companhias de dança profissionais, tem formação em Balé Clássico, é graduando em Licenciatura em Dança, tem ampla experiência em Dança Contemporânea e Jazz, bem como estudos em Danças Modernas e Populares Brasileiras. Desse modo, os referenciais metodológicos e pedagógicos elencados para subsidiar seu trabalho docente dialogam com o seu percurso – considerando o vínculo entre o ensino de dança e o fazer artístico. Os referenciais da pesquisa estão relacionados às experiências artísticas do autor e aos estudos realizados durante seu percurso no curso de Graduação em Dança da UFMG, que refletem sobre concepções de corpo, arte e educação com o discurso de reconhecer o corpo como protagonista nos processos artísticos, de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, acompanhamos as ideias de Klauss Vianna, como traz Alvarenga (2010, p. 10):

O grande protagonista da matéria narrável de Klauss Vianna é o corpo e a dança que ele executa, com suas referências, marcas e heranças do vivido, que vai sendo descoberto pelo indivíduo ao fazer um trabalho corporal. Esses corpos, ao se apresentarem na sua singularidade de formas, jeitos, tensões, elasticidade,

encurtamentos musculares e toda a sua história, ‘narram-se’ a si mesmos, contando-se em ossos, músculos, nervos, enfim, em sangue e sensibilidade, um corpo que se deixa contar ao próprio indivíduo, que por esse corpo se presentifica no mundo como vida e experiência. É o corpo sendo narrado e descoberto pela pessoa que o trabalha.

No estudo de Klaus Vianna (1990), a compreensão de indivíduo se traduz pela integralidade, onde impera a noção da não dualidade ou dissociação entre o corpo e o seu entorno. Tudo é uma coisa só, se atravessando e intervindo continuamente: “o homem é uno em sua expressão: não é o espírito que se inquieta nem o corpo que se contrai – é a pessoa inteira que se exprime” (VIANNA, 1990, p.11). Nesta perspectiva, o autor desta pesquisa também defende e busca instituir em seu fazer docente a compreensão do corpo de forma integral, onde a dança que o indivíduo faz é resultante de seus processos pessoais e momentâneos, suas tensões, emoções, vontades e projeções. Como artista, professor e pesquisador, é considerável também que validar a dança como mecanismo que integraliza o sujeito e seu entorno pressupõe novas construções acerca do corpo, do movimento, da individualidade e daquilo que se constrói a partir desta relação. Assim, considera-se que a representatividade da dança poderá apresentar outros significados quando encarada nessa perspectiva. Analisando a contextualização social dos jovens assistidos pela Associação Querubins, um estudo de dança onde o corpo é legitimado como matéria integral, que respeita e valoriza a unicidade de tudo que o atravessa e por ele é atravessado, torna o processo de ensino e aprendizagem mais pertinente e acessível. Ponderando sobre os estudos de Klaus Vianna, sob esse ponto de vista, Alvarenga (2010, p. 3) aponta:

[...] sua técnica, se existiu, era na verdade não ter uma técnica, abrindo caminho para que surgisse algo diferente em cada gesto, em cada movimento de seus alunos. Busquei compreendê-lo num somatório de vários elementos que conformam um tipo especial de educação: a educação dos movimentos do corpo para uma dança pessoal, que partindo de experiências práticas por ele desenvolvidas e por ele propostas, procurou levar cada praticante a encontrar sua forma própria de fazê-lo, desenvolvendo sua autoconsciência corporal e sua maior capacidade de autoexpressão no mundo, esperando assim alcançar uma harmonia num equilíbrio de opostos, como disse o próprio Klaus Vianna, numa tensão entre indivíduo-sociedade-vida, resultado do que aqui denomino de sua experiência educativa.

Vale ressaltar que a experiência educativa pautada na humanização do corpo e no processo individual de aprendizagem pode despertar o genuíno interesse do aluno em se perceber e se descobrir como indivíduo no mundo, viabilizando um caminho de autoconhecimento por meio da percepção corporal. Vianna (1990, p. 77) destaca:

A primeira coisa que um professor precisa fazer é dar um corpo ao aluno. Mas como é possível dar um corpo a alguém? Todos sabem que o corpo existe, mas sabemos intelectualmente. Só nos lembramos dele quando algum problema, alguma dor, uma

febre. Para acordar esse corpo é preciso desestruturar, fazer que a pessoa sinta e descubra a existência desse corpo. O que proponho é devolver o corpo às pessoas.

Desse modo, ao experimentar a construção de seu corpo e movimento, o aluno passa a ser responsável por suas vivências artísticas e estabelece nova relação entre o corpo e o que o cerca. Segundo as ideias de Vianna (1990), o entorno tem influência sobre o corpo, ao passo que também o corpo atravessa o entorno, numa relação dialógica. Para o autor, a vida se torna uma “síntese do corpo e o corpo a síntese da vida” (VIANNA, 1990, p. 87). Assim, a dança que o indivíduo faz está imbuída dos significados, sentidos e representações que o circundam.

No que se refere às vivências, vale legitimar a importância das experiências incutidas no corpo, em diferentes contextos nos quais ele está inserido. Como interlocutor e propositor, o professor precisa mediar essas experiências corporais dos alunos, validando a autodescoberta de seus corpos em construção, como propõe Alvarenga (2010 p. 7): “é preciso chamar-lhe a atenção para o mesmo além das referências intelectuais acumuladas trazendo-as para uma experiência mais sensorial, contribuindo para que o aluno tome posse de modo mais consciente de seu corpo”.

Na abordagem docente do autor do presente estudo junto à Associação Querubins, a proposta de relacionar o corpo, a dança, a educação e a historicidade social com uma preocupação humanística tem o objetivo de desenvolver uma experiência mais inclusiva que excludente, principalmente, no que se refere ao ensino do balé clássico e do *jazz*. No caso desses dois estilos de dança, ressalta-se que apresentam estruturas práticas, técnicas e teóricas bastante divergentes dos conteúdos que os estudantes da referida instituição possuem em seu histórico. Assim, uma proposta que discuta o ensino da técnica clássica do balé e do *jazz*, de forma acessível à corporeidade dos jovens estudantes da Associação Querubins, e em diálogo com os conteúdos culturais desse público, aponta para o que Vianna (1990, p. 115) discute:

No terreno da arte, a obra só toma corpo na relação que o artista mantém com a realidade que o cerca, mesmo que essa relação atravessada pelas mediações sutis. O artista, como criador, mais do que ninguém necessita aguçar sua percepção do real, e o momento da criação pressupõe e ao mesmo tempo encerra o processo de autoconhecimento.

O ensino de dança precisa incluir quem a executa. Não pode ser algo distante da realidade e dos interesses dos estudantes.

Sob o ponto de vista do processo de aprendizagem de dança, antes do movimento ser externalizado, exposto, demonstrado, ele já começou a acontecer, imperceptivelmente, em cada aluno, e esta percepção pode ser otimizada a partir do autoconhecimento e das abordagens processuais do ensino. Não obstante, o recurso de repetição pode apontar para uma alternativa que contribui sobremaneira para a apropriação de passos, movimentos e assimilação de conteúdos em dança, principalmente no que se refere à crianças e jovens em processo de formação artístico cultural, como é o caso dos educandos e educandas da Associação Querubins. Sobre esse aspecto, Vianna (1990, p. 73) considera que

À medida que trabalhamos, é preciso buscar a origem, a essência, a história dos gestos- fugindo da repetição mecânica de formas vazias e pré-fabricada . É assim também na aula: é preciso que eu vivencie muitas e muitas vezes um movimento. Não adianta entendê-lo, racionalizar cada gesto - é preciso repetir e repetir, porque é nessa repetição, consciente e sensível, que o gesto amadurece e passa a ser meu. A partir daí temos a capacidade de criar movimentos próprios e cheios de individualidade e beleza.

Nessa pesquisa, compreendeu-se que as ideias de Vianna (1990) sejam pertinentes e coerentes com a proposta de aprendizagem de dança no contexto da Associação Querubins, considerando a construção de repertórios de movimentos pautados na individualidade e na versatilidade dos estudantes, bem como na dialogicidade e reconhecimento do corpo como matéria viva e integral.

4 PERCURSOS METODOLÓGICOS ENTRE A SOCIEDADE, A SALA DE AULA E A CENA

Estabelecer um diálogo entre a dança, a educação e a comunidade no âmbito de inclusão social por meio de iniciativas artísticas, parece ser uma experiência educativa desafiadora no que se refere ao contexto contemporâneo de subjetividades. Atualmente, a compreensão do corpo, a relação com a imagem, os processos de vivência educacional e o perfil midiático para o qual a juventude se inclina, apontam para uma considerável transformação no formato de direcionamento do ensino e aprendizagem das crianças e jovens. A respeito do encaminhamento dos processos educativos contemporâneos, Sibilia (p. 48, 2012) considera que

[...] neste século XXI que ainda está começando – embora avance em uma velocidade assustadora –, são outros os corpos e as subjetividades que se tornaram necessários. Por isso, agora e em toda parte, não surpreende que reverberem outros tipos de sujeitos: novos modos de ser e estar no mundo que emergem e se desenvolvem respondendo às exigências da contemporaneidade, ao mesmo tempo que contribuem para gerar e reforçar tais características.

Partindo desta premissa e, ainda, recortando as especificidades dos indivíduos – educandas e educandos da Associação Querubins – que norteiam o trabalho aqui desenvolvido, este estudo buscou analisar criticamente o desenvolvimento da proposta pedagógica desenvolvida pelo professor e autor dessa pesquisa junto ao grupo de crianças e jovens assistidos. Levou-se em consideração que, além de viverem um peculiar contexto de vulnerabilidade e exclusão social, também são sujeitos pertencentes a uma atual geração que é fortemente midiaticizada, fascinada pela incitação à visibilidade e instada a adotar com rapidez os mais surpreendentes avanços tecno-científicos em meio aos vertiginosos processos de globalização. Dentro dessa perspectiva, estigmatizar processos de ensino e aprendizagem que não estimulam a criatividade e o prazer dos estudantes pode incidir em experiências destituídas de representatividade e significados para as alunas e alunos. Nesse aspecto, a Arte pode reforçar a elaboração de novos sentidos, pelas possibilidades atribuídas a ela na abordagem do material sensível e humano, que lida com a contemporaneidade na construção das vias de conhecimento. Conforme Marques (2006),

A arte é interlocutora privilegiada entre o professor e o aluno, entre a escola e a comunidade, entre o indivíduo e o conhecimento. A arte que os alunos escolhem revela valores, posturas, sonhos, percepções e histórias de vida. Trabalhar com a arte do aluno em processo dialógico com o conhecimento proposto pelo professor de Arte, permite a ambos irem além do convencional, crescer em crítica e julgamento,

aprofundar conhecimento específico e interagir na sociedade com elementos de transformação e não mais de reprodução.

Sendo assim, é pertinente que a criação artística se debruce sobre o que é comum e inteligível aos estudantes, ao passo que apresente, simultaneamente, novas perspectivas e olhares sobre o que já conhecem, oportunizando outras formas de se fazer. O que os alunos já experienciam diariamente é um conteúdo inerente a eles, já o conhecem, reconhecem e dominam. É preciso, então, que o professor construa atribuições e recursos para nortear a aprendizagem de novos saberes e vivências. Neste sentido, umas das ações que poderia ser ressaltada como sendo uma significativa responsabilidade do arte-educador imerso em projetos sociais seria oportunizar a mediação entre o ensino de arte e o conteúdo que educador traz em sua trajetória. No que concerne à Dança, pode ser veiculada ao professor a missão de estabelecer esta relação dialógica dentro de uma experiência educativa legítima para o estudante.

Em vista disso, a Associação Querubins, por idealização de sua diretora, Magda Coutinho, estabeleceu como eixo temático para as suas oficinas artísticas e pedagógicas do ano de 2022, uma proposta discursiva sobre a identidade racial, cujo tema principal foi “Quem sou, e para onde vou?”. Considerando a grande quantidade de educandas e educandos negras e negros matriculados na instituição, as atividades educativas foram, em sua maioria, destinadas a abordar o eixo central como aspecto norteador do processo de ensino e aprendizagem. O corpo docente, formado por professores pretos e brancos, debruçou-se sobre o tema para desenvolver algumas propostas didáticas e metodológicas, a saber: Feira Literária abordando leituras de contos sobre a diversidade; pesquisas de autoras e autores negras e negros conhecidos pelos educandos; exposições de personalidades pretas e pretos com reconhecimento mundial, como artistas da música e do teatro, atletas, apresentadores de televisão, políticos etc; estudos de música de artistas pretos brasileiros; criações de cenas baseadas em recortes históricos da comunidade negra; estudos de movimentos fundamentados no afrocentrismo; construções artísticas com a temática do reconhecimento da identidade racial; concepção de espetáculo de dança com temática de negritude, raça e racismo.

Essa iniciativa da Associação Querubins se mostra congruente com ações afirmativas que atestam a legitimidade do discurso racial nas esferas educacionais, fomentam a inteligibilidade dos estudantes e apontam caminhos para a construção subversiva dos ideais de raça e negritude. As escolas, quando se isentam de discutir tais temáticas, acabam por reforçar o racismo estrutural presente na sociedade. Não obstante, instituições de iniciativas sociais, como a

Associação Querubins, podem intervir simbólica ou significativamente nesse contexto ao propor abordagens sobre o racismo e instituir propostas que agreguem valores e contribuam para a construção de novas vias de conhecimento e autoconsciência aos estudantes no que tange ao assunto, principalmente, tratando-se de estudantes em formação sendo crianças e jovens pretas e pretos. Conforme Almeida (2019, p. 41),

[...] mais do que a consciência, o racismo como ideologia molda o inconsciente. Dessa forma, a ação dos indivíduos, ainda que conscientes, “se dá em uma moldura de sociabilidade dotada de constituição historicamente inconsciente”. Ou seja, a vida cultural e política no interior da qual os indivíduos se reconhecem enquanto sujeitos autoconscientes e onde formam os seus afetos é constituída por padrões de clivagem racial inseridos no imaginário e em práticas sociais cotidianas. Desse modo, a vida “normal”, os afetos e as “verdades” são, inexoravelmente, perpassados pelo racismo, que não depende de uma ação consciente para existir.

Abordagens metodológicas e processos pedagógicos que refutem a dialética racial socialmente construída podem apontar novas leituras e sentidos para a problemática. Dentro dessa ótica, as contribuições da Arte e das iniciativas artísticas podem ser um recurso pertinente para dialogar com as urgências do assunto, haja vista que a Arte, conforme mencionado anteriormente, configura-se como um potente mecanismo para tratar das emergencialidades.

4.1 Estratégias metodológicas para construção do exercício docente

O autor deste estudo monográfico, como homem negro e artista da Dança, desenvolveu sua prática docente na instituição, no recorte do segundo semestre do ano de 2022, por meio de aulas práticas com aporte teórico, a fim de contextualizar o eixo temático de forma lúcida e inteligível aos estudantes. O processo de construção das aulas se deu, primeiramente, baseado em sua trajetória artística e, ao mesmo tempo, fundamentado em Vianna (1990) e sua pertinente concepção de corpo integral. Também foi importante o diálogo com as ideias de Marques (2014), devido às relevantes contribuições para os aspectos relativos aos processos educacionais. Por conseguinte, no que se refere à temática do racismo emergente, a discussão de Almeida (2019) subsidiou o trabalho e amparou os direcionamentos das conversas onde o tema central foi o racismo e suas reverberações.

Dentre as distintas propostas artísticas e recursos metodológicos elencados para a construção do exercício docente dentro do eixo temático norteador das atividades do ano de 2022 na

Associação Querubins – “*Quem sou, e para onde vou?*” – o autor trabalhou aspectos da dança atrelados ao discurso de identidade racial e racismo, bem como fundamentos do histórico contextual do grupo de alunos assistidos pelo projeto buscando analisar suas estratégias metodológicas debruçando-se sobre os referenciais teóricos. Alguns destes recursos foram:

- Discussões sobre autoconsciência e autorreconhecimento vinculados a aspectos físicos e raciais;
- *Autorretrato*, como pesquisa de identidade a partir do recorte racial;
- Aulas práticas de dança embasadas em pautas levantadas em rodas de conversa sobre a temática.

Os estudantes da Associação Querubins, em geral, sabem-se enquanto negros – mesmo que para alguns a identidade racial ainda não seja um campo natural de diálogo, devido a questões subjetivas como a autoconsciência ou, principalmente, pelos agenciamentos sociais sobre raça e racismo. Almeida (2019, p. 41) aponta que “a vida cultural e política no interior da qual os indivíduos se reconhecem enquanto sujeitos autoconscientes e onde formam os seus afetos é constituída por padrões de clivagem racial inseridos no imaginário e em práticas sociais cotidianas”. A afirmativa do autor se atesta quando analisada à margem das experiências cotidianas dos jovens alunos da instituição.

Utilizar a Arte como artifício para abordar uma temática tão presente e tão comum a crianças e adolescentes periféricos pode oportunizar novas construções de sentido e transformação na consciência em relação a si mesmos e seu espaço na sociedade.

Pessoas negras, portanto, podem reproduzir em seus comportamentos individuais o racismo de que são as maiores vítimas. Submetidos às pressões de uma estrutura social racista, o mais comum é que o negro e a negra internalizem a ideia de uma sociedade dividida entre negros e brancos, em que brancos mandam e negros obedecem. Somente a reflexão crítica sobre a sociedade e sobre a própria condição pode fazer um indivíduo, mesmo sendo negro, enxergar a si próprio e ao mundo que o circunda para além do imaginário racista. Se boa parte da sociedade vê o negro como suspeito, se o negro aparece na TV como suspeito, se poucos elementos fazem crer que negros sejam outra coisa a não ser suspeitos, é de se esperar que pessoas negras também achem negros suspeitos (ALMEIDA, 2019, p.43).

Outras estratégias idealizadas como abordagem metodológica para viabilizar as experiências em dança a partir do recorte sociocultural foram:

- Brincadeiras de roda em consonância com a historicidade cultural da comunidade;
- Percussão corporal, utilizando a estrutura física do corpo para a emissão e construção de sons;
- Pesquisa e criação de imagens virtuais e desenhos com representação africana;
- Jogos de cartas, de palavras e de adivinhações utilizando distintos elementos;
- Estudo de redes midiáticas e suas influências/influenciadores na pesquisa de movimentações.

Validar as vivências da nova geração, considerando a natural inclinação midiática da juventude para as novas tecnologias e para o que é inovador/instantâneo, facilita a construção de sentidos para os jovens da atualidade; entretanto, constituir saberes por meio de práticas infantis pode ser considerado, também, um recurso para aprender versatilmente e potencializar o pensamento crítico/analítico/lógico. A autora Sibilia (2012, p. 82) aponta que

[...] não são novas as tentativas de atualizar a educação para torna-la mais prazerosa e eficaz. Ao longo do século XX, a didática tentou introduzir os jogos nas salas de aula, por exemplo, no intuito de aliviar certa carga ao fatigante trabalho escolar, potencializando a aprendizagem de um modo divertido. No entanto, esses usos pedagógicos do lúdico pretendiam submetê-lo a objetivos mais transcendentais que o mero fato de divertir o alunato: o importante era aprender algo, ainda que se procurasse consegui-lo por meio desses recursos.

Outros aspectos abordados na prática artístico docente aqui analisada foram:

- Apreciação de vídeos e filmes com atrizes e atores negras e negros;
- Análise de animações e contos centralizados na história de personagens pretos;
- Estudo de músicas de composição e performance de artistas pretos brasileiros;
- Exposições sobre bailarinas e bailarinos negras e negros conhecidos internacionalmente.

Por meio das referidas ações, infere-se a necessidade de referenciar aos jovens pretos e pretas em formação a respeito dos espaços facultados às pessoas negras na contemporaneidade, analisando, neste recorte, as posições ocupadas por artistas, intérpretes, bailarinas e bailarinos negros, legitimando a arte e a dança como espaço para discursar a problemática.

O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Após anos vendo telenovelas brasileiras, um indivíduo vai acabar se

convencendo de que mulheres negras têm uma vocação natural para o trabalho doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas, ou que homens brancos sempre têm personalidades complexas e são líderes natos, meticolosos e racionais em suas ações. E a escola reforça todas essas percepções ao apresentar um mundo em que negros e negras não têm muitas contribuições importantes para a história, literatura, ciência e afins, resumindo-se a comemorar a própria libertação graças à bondade de brancos conscientes. Apesar das generalizações e exageros, poder-se-ia dizer que a realidade confirmaria essas representações imaginárias da situação dos negros. (ALMEIDA 2019, p. 41-42)

O autor elencou propostas artístico-pedagógicas, amparado por Klauss Vianna, cujo trabalho é discutido por Alvarenga (2010, p. 13):

Klauss Vianna (1990), diz reconhecer o caráter individual e universal da formação que propõe num processo carregado de tensões que se expressam tanto pelo esforço do indivíduo em sua autodescoberta, como nas suas investidas em pesquisar o próprio corpo e os movimentos que poderá ser capaz de criar, pelos princípios básicos dos experimentos que lhes são sugeridos, numa busca por um autodomínio e um autodirecionamento que se reelabora continuamente. É um constante crescer como ser e/ou como artista-bailarino, é o permitir-se a procura, o desconhecido, a relação com o medo e a incerteza do passo a ser dado, a tensão que instigará uns e desanimará outros.

Na referida proposição, buscou-se ressignificar o ideal de corpo na experiência dos alunos e alunas, a partir de alguns aspectos, como:

- Experimentação do corpo enquanto material sensível e humano num processo de autopercepção pelo movimento;
- Estudo técnico do balé clássico e jazz a partir do entendimento do corpo como campo dos atravessamentos de informações e estímulos;
- Composições coreográficas enfatizando a integralidade do corpo no tempo e espaço presente;
- Concepções cênicas a partir de experimentações e improvisações compartilhadas

4.2 Concepção cênica do espetáculo “A Cor”

Sendo um Projeto Social erigido sobre a Arte e suas distintas linguagens, a Associação Querubins, durante todo o seu percurso histórico, objetivou discutir pautas importantes vinculadas às vivências das crianças e jovens da comunidade por intermédio de iniciativas artísticas. Assim, no ano de 2022, a instituição se propôs a promover um espetáculo cujo eixo

norteador fosse a discussão racial. “A Cor” é uma obra que aborda, por meio de uma proposta interdisciplinar, a incidência do racismo como parte estrutural e estruturante da sociedade, fazendo um recorte no percurso da Associação e da comunidade por ela assistida. Enquanto espetáculo com abordagem interdisciplinar, “A Cor” traz para a cena distintas linguagens artísticas dialogando entre si: dança, teatro, música, artes visuais, percussão e artes digitais, evidenciando o trabalho artístico desenvolvido pelos próprios educandos e educandas da instituição. Delineado pelo discurso de raça e negritude e norteado pelas ações desenvolvidas durante as oficinas de Arte, o espetáculo é um dos resultados do processo de ensino e aprendizagem desenvolvido no segundo semestre de 2022, e dialoga com as vivências dos estudantes nas conjunturas socioculturais em que estão imersos, bem como com as experiências compartilhadas em sala de aula.

No que se refere à concepção dos estudos coreográficos, a composição cênica de “A Cor” se deu de forma co-participativa, onde os estudantes componentes do elenco puderam ter influência direta na construção do espetáculo. A criação da obra considerou o perfil midiático no qual os jovens do elenco se reconhecem, o entendimento de corpo integral que é abordado durante o processo de aulas, a relação dialógica e horizontalizada que o professor institui em seu fazer docente, bem como a humanização atribuída ao ensino de dança na instituição. Assim, “A Cor” se constituiu a partir da mediação entre as experiências dos processos didáticos destrinchados durante o ano, os recursos midiáticos comuns e atraentes ao elenco, os estudos de movimentos propostos pelas alunas e alunos, a arte consumida por elas e eles nas esferas sociais e virtuais e, principalmente, o diálogo com o eixo norteador do trabalho. Esse processo dialoga com Marques (2006, p. 83), que afirma:

Inventariar e conhecer o repertório dos alunos é bem diferente de fazer o que os alunos ‘gostam e querem’. Repetir em sala de aula exatamente o que os alunos podem fruir e conhecer fora dela é inútil e inócuo. É preciso trabalhar a arte como área de conhecimento, relacionando aquilo que os alunos consomem com outros autores e trabalhos e com o conhecimento da linguagem da arte. Conversar com a arte que o aluno traz é estabelecer o diálogo entre o repertório do professor e do aluno, o conhecimento universal e o conhecimento local.

Para amparar a construção cênica do espetáculo “A Cor”, o professor, pesquisador e autor deste estudo objetivou atrair a atenção das alunas para o que é comum em seu cotidiano: recursos midiáticos, referências virtuais de movimentação, estilização de passos de dança reproduzidos diariamente pelas educandas etc. Juntamente ao conteúdo proposto pelo corpo discente, o coreógrafo abarcou os discursos de cunho racial, as pautas levantadas durante as rodas de

discussão e consolidadas durante as aulas, bem como o material criativo – corporal, artístico e teórico – produzido durante as aulas da oficina de dança. Assim, a concepção coreográfica do espetáculo se deu em processo dialógico, participativo e inclusivo, corroborando para um conteúdo criativo concebido a partir da relação humanizada entre a dança e quem faz a dança. Nesse sentido, o autor, enquanto arte educador e coreógrafo, buscou discutir cenicamente as retóricas sobre o racismo estabelecidas pela sociedade e reconhecidas pelos estudantes do elenco.

O espetáculo, que tem caráter formativo, foi apresentado em quatro sessões destinadas a alunas e alunos vinculadas e vinculados a escolas públicas da região metropolitana de Belo Horizonte, residentes nas cidades de Vespasiano e Ibirité/MG. As apresentações aconteceram no mês de novembro/2022 nas referidas cidades, e oportunizaram reflexões sobre a temática e a fruição artística aos jovens estudantes das cidades.

Em cena, jovens e professores massivamente negras e negros assumindo o pertinente lugar de fala em um espetáculo cênico conduzido por suas próprias narrativas e experiências. Assim, “A Cor”, mais que uma obra de dança promovida por um projeto social, representa a manifestação evidente de vivências cotidianos de cidadãos que são subjugados por seu contexto sociocultural e racial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em uma sociedade onde o acesso a arte é excludente e delineado por discriminações em distintas instâncias. A categorização hierárquica social e econômica determina o tipo de arte que pode ser consumida por cada grupo social e, com isto, a marginalização e exclusão inerentes ao sistema que impera na sociedade contemporânea se difundem e se perpetuam nesta geração. São inúmeros os fatores que afastam os jovens das escolas e os impele à criminalidade, entretanto, vale ressaltar que a falta de iniciativas inclusivas e políticas públicas subsidiam esse afastamento. O sistema educacional atual não supre as demandas da juventude de baixa renda pertencente às comunidades e aglomerados; assim, compactuamos com o contínuo paradoxo, onde a marginalidade é repudiada e temida, ao passo que ações combatentes à criminalização são poucas ou inexistentes.

É importante lembrar que o Estado – que criou, abandonou e perpetuou comunidades menos privilegiadas – continua não fazendo seu trabalho, que é transformá-las. Limitando-se a distribuir amistosa e cinicamente as verbas sociais para trabalhos muitas vezes inconsistentes no ensino de Arte, o Estado está apenas perpetuando a existência das comunidades desprivilegiadas e uma fonte de renda para alguns empresários, políticos e artistas famosos. Enquanto isso, o trabalho a ser feito efetivamente pelas políticas e agentes públicos continua por fazer. (BRAZIL; MARQUES, 2014: p. 85).

As iniciativas inclusivas deveriam partir do próprio sistema educacional, por meio de atividades que deslegitimem a discriminação e preconceito engendrados no contexto contemporâneo. A escola não deveria, por natureza, reforçar preconceitos, entretanto, o sistema corrobora para a hierarquização das classes ao apresentar como válidos e legítimos, unicamente os conteúdos artísticos preconcebidos historicamente como sendo passíveis de apreciação. Antes, deveria ser responsabilidade do sistema legitimar a arte que dialoga com a realidade dos estudantes atuais como sendo parte estruturante da sociedade.

As artes, em geral, têm potencial integralizador, aproximam as historicidades, valorizam as subjetividades, ressignificam os discursos e trabalham diretamente com um dos elementos mais intrínsecos ao ser humano: as percepções sensoriais e cognitivas. A dança, como segmento da Arte, representa um recurso fundamental para refutar as dialéticas emergentes na atualidade, pois é um desdobramento artístico que lida com o corpo, e todas as experiências humanas perpassam e são perpassadas por ele.

Nesse sentido, há grande necessidade de iniciativas sociais que tragam a dança em seu currículo, como uma potente arma contra os agenciamentos sociais excludentes, que negligenciam as necessidades do público alvo. Por meio da Dança os indivíduos trabalham habilidades que são válidas para todos os âmbitos e vivenciam experiências que trazem pertinentes percepções sobre si, sobre o que os cerca.

Pensar sobre a Dança, em geral, sempre foi um exercício reflexivo interessante devido à grande transformação que meu percurso profissional perpassou desde que iniciei a minha carreira. Enquanto artistas, analisar criticamente o nosso próprio trabalho nos faz lançar o olhar para as especificidades e competências de nossa área de atuação; e ainda nos conduz a ponderar sobre os mecanismos que encontramos para nos manter ativos e atuantes como fazedores de arte.

A Arte como conteúdo de projetos sociais tem potencial transformador das perspectivas e expectativas de vida, pois, apresenta aos praticantes, experiências que os mesmos não vivenciam rotineiramente – tampouco no ambiente escolar. Iniciativas sociais dialogam diretamente com as necessidades dos indivíduos, legitimam sua existência, seus discursos, sua raça, sua realidade, seus interesses, suas inclinações e o conteúdo dos quais estes se alimentam; além de acrescentar novas vias de conhecimento que não lhes são outorgadas. O arte-educador, inserido neste universo, oportuniza vivências que extrapolam os limites da sala de aula e são convergidos para a vida.

As múltiplas interfaces e intersecções criadas, articuladas e propostas pelo *artista - docente*, entre os mundos vividos, percebidos e imaginados dos alunos permite a compreensão, a problematização, o desvelamento, a descoberta e a eventual transformação das situações evidenciadas (MARQUES, 2001, p.118.)

Lidar com a vida humana – principalmente em processo de formação – é uma responsabilidade nobre, e cabe aos artistas, seres nobres por natureza e profissão, cuidar daqueles a quem a sociedade vira as costas.

Esta pesquisa não denota caminhos e processos que sejam considerados, unicamente, como certos e funcionais, mas aponta para possibilidades de direcionamento para um trabalho conciso que pode desvelar experiências oportunas a indivíduos que têm, dentro de si, profunda necessidade conhecer, aprender e (se) transformar. Assim, iniciativas que dão espaço para o compartilhamento do saber, a construção de conhecimento, a legitimação da história e da vida

de quem abarca o processo, pode contribuir sobremaneira para a evolução humana dos cidadãos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Maria F. A noção de capital cultural é útil para se pensar o Brasil? In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir (Org.). *Sociologia da educação: pesquisa e realidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de Racismo estrutural / Silvio Luiz de Almeida. -- São Paulo: Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)
- ALVARENGA, Arnaldo L. 2010. Klaus Vianna e o ensino de dança: uma experiência educativa em movimento. Universidade Federal de Minas Gerais
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). *Escritos de educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRAZIL, Fábio; MARQUES, Isabel. Arte em questões. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- BURATTO, Ana Clara L. *De alunos de projetos sociais a licenciandos em Dança na EBA/UFMG: experiências formadoras e acesso ao ensino superior* (tese Doutorado Universidade Federal de Minas Gerias) 2019.
- CARVALHO, Livia Marques. Reflexões sobre o ensino da arte no âmbito de ONGs: Estratégias de mediação e a abordagem triangular. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (Org.). *Arte/Educação como Mediação Cultural e Social*. 1. ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009. v. 1, p. 295-304.
- CUNHA, M. A. *O conceito "capital cultural" em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica*. Perspectiva, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 503-524, 2007.
- FERNANDES, Rubem César. O que é Terceiro Setor? *Revista do legislativo*, Belo Horizonte, p. 26-30, abr./jun 1997. Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais.
- GOHN, Maria da Glória. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. *SAUDESOC*. 2004, vol.13, n.2, pp. 20-31.

GOHN, Maria da Glória. O protagonismo da sociedade civil: movimentos sócias, ONGs e redes solidárias. 2a Ed. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 123)

INSTITUTO CALEIDOS. Disponível em:

https://www.caleidos.com.br/instituto_quemosomos.html>. Acesso em: 04 dez 2022.

MARQUES, I. E a arte do aluno? | Revista Gestão Universitária (gestaouniversitaria.com.br) 2006.

Acesso em: 25 out 2022

ASSOCIAÇÃO QUERUBINS. Projeto Político Pedagógico, 2022.

SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

TEIXEIRA, Henrique Augusto Nunes. Fotografia: Uma Investigação Sobre Seu Ensino em Espaços Não Formais. *Gambiarra* - UFF. No 04, ano IV. 2012. Niterói, 2012.

VIANNA, Klauss – A Dança – Colaborador Marco Antônio de Carvalho. São Paulo: Siciliano 1990.

O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica.

Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1820>.

Acesso em: 02 out 2022.